

# PRÁTICAS COMUNICACIONAIS, SENSIBILIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E AS TESSITURAS DA CIDADANIA

Jane Márcia Mazzarino<sup>1</sup>

Cristine Kaufmann<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva discutir teoricamente o papel da comunicação na educação ambiental para a construção de práticas cidadãs. O intuito é contribuir na reflexão sobre o cenário atual, no qual se considera que a interação entre sociedade e meio ambiente é eminentemente um processo de comunicação. A ênfase do artigo recai sobre os processos mediados pelos meios de comunicação. Defende-se que as informações mediadas pelos meios de comunicação também devem ser pensadas e produzidas de forma complexa, para que expressem a interdependência entre os acontecimentos do mundo e as formas de cada um agir cotidianamente, para que, assim, cumpram sua função social de disseminar informações ambientais, de modo que seus profissionais se transformem em atores sociais decisivos na educação ambiental, contribuindo para que os receptores também se tornem sujeitos ativos nesse processo.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação ambiental. Cidadania.

**Abstract:** The present article aims at to discuss the paper of the communication theoretically in the environmental education for the practices citizens' construction. The intention is to contribute in the reflection on the current scenery, in which is considered that the interaction between society and environment is eminently a communication process. The emphasis of the article relapses on the processes mediated by the communication means. He/she/you defends that the information mediated by the communication means they should also be thought and produced in a complex way, so that they express the interdependence between the events of the world and the forms of each one to act daily, so that, like this, accomplish your social function of disseminating environmental information, so that your professionals become decisive social actors in the environmental education, contributing so that the receivers become also subject active in this process.

**Keywords:** Communication. Environmental education. Citizenship.

---

1 Doutora em Ciências da Comunicação. Docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e coordenadora do projeto de extensão Comunicação para Educação Ambiental da UNIVATES. E-mail: janemazzarino@gmail.com

2 Mestre em Ciências da Comunicação. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cristine.kaufmann@gmail.com

## 1 Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o papel dos processos de comunicação na educação e sensibilização socioambiental, de forma a potencializar novas práticas cidadãs a partir de comportamentos voltados para o debate e a ação socioambiental nas comunidades. A comunicação é aqui entendida como prática realizada pelos meios de comunicação (que disseminam informações à sociedade) e como inter-relações entre os indivíduos inseridos em seus contextos sociais e ambientais. Nesse sentido questiona-se: Como as práticas comunicacionais voltadas para a sensibilização socioambiental podem contribuir para novas práticas cidadãs? Como as informações de cunho ambiental comunicadas por meio das mídias podem tornar-se pauta nas interações sociais dos indivíduos?

## 2 Interações socioambientais como práticas comunicacionais

Atualmente, a discussão ambiental é muito mais complexa do que o reconhecimento do ambiente natural, já que envolve também aspectos sociais, culturais, políticos, tecnológicos e econômicos, caracterizando-se como práticas socioambientais, as quais têm caráter ético. Para Carvalho (2008), no ângulo socioambiental, a natureza, os humanos, a sociedade e o ambiente estabelecem uma relação mútua de interação e copertença, formando um único mundo, orientado por uma racionalidade complexa e interdisciplinar que pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Essa perspectiva considera o meio ambiente como espaço de relações em que o homem interage constantemente com os outros e com o ambiente em que vive. Isso mostra que é preciso desnaturalizar os modos de ver e viver que se tem como óbvios. O meio ambiente não é apenas fauna e flora, e os indivíduos e as sociedades que o formam não estão separados e/ou isolados desse meio ambiente, ao contrário, fazem parte do mesmo sistema complexo de inter-relações. A visão socioambiental torna mais clara a ideia de vida em constante interação (meio ambiente e sociedade). Essa interação nada mais é do que um processo de comunicação entre seres humanos e seu entorno.

Entende-se que as questões socioambientais estão totalmente imersas nas perspectivas da comunicação. Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1973), a comunicação é inerente aos seres humanos e ao seu comportamento. As interações são consideradas como sistemas nos quais pessoas-comunicam-se-com-outras-pessoas. Acrescenta-se aqui: pessoas-comunicando-se-com-outras-pessoas-e-com-o-ambiente-em-que-vivem. Essa teia da vida, conforme Capra (1998), forma as complexas redes sociais. As práticas comunicacionais, as questões ambientais e as práticas cidadãs em relação ao meio ambiente formam relações complexas, à medida que envolvem indivíduos de diversos campos sociais. Segundo Capra (2002, 2003), a vida na sociedade ocorre em forma de rede. Entende-se que as redes das comunidades humanas são caracteristicamente comunicacionais, dinamizadas por pensamentos e significados que dão origem a novas comunicações.

As práticas comunicacionais oriundas das interações sociais entre os indivíduos ou aquelas mediadas pelos meios de comunicação atuam como catalisadoras e equalizadoras dos processos sociais, os acelerando e amplificando. Quando voltadas às problemáticas ambientais, as informações acabam se tornando pautas das conversas sociais cotidianas, configurando-se como práticas socioambientais e, assim, contribuem para o surgimento de novas práticas cidadãs. O importante papel social dos meios de comunicação em sua função mediadora está em permitir que a discussão ambiental chegue a diversos lugares, possibilitando que os indivíduos compreendam melhor o cenário atual, podendo se sensibilizar em relação ao seu próprio contexto socioambiental.

### **3 Práticas comunicacionais midiaticizadas e as tessituras da cidadania ambiental**

Normalmente os meios de comunicação de caráter global tendem a mostrar uma visão mais generalizada e globalizada da realidade ambiental (aquecimento global, derretimento das geleiras, buraco na camada de ozônio, poluição nas grandes metrópoles etc.) e, assim, podem contribuir para que os indivíduos entendam que em todos os espaços, locais ou globais, as sociedades estão ligadas pelas problemáticas socioambientais, sendo preciso discuti-las, pensando e agindo, a partir das especificidades de cada local. O processo de “desnaturalização” dos modos de vida desagregadores e destruidores da contemporaneidade é responsabilidade dos indivíduos e, muitas vezes, é acelerado por mensagens que incentivam o consumo desenfreado, as quais circulam a partir dos meios de comunicação. No entanto, essas interações entre indivíduos e meios de comunicação também podem permitir a construção de novos espaços para o exercício de uma cidadania de cunho ambiental.

Para Belmonte (2004), os meios de comunicação devem ser capazes de juntar as pontas para mostrar assuntos tradicionalmente desconectados na colcha de retalhos do noticiário cotidiano. Segundo esse autor, “uma teia de significados precisa ser alinhavada para possibilitar uma compreensão mútua dos fenômenos ambientais” (BELMONTE, 2004, p. 16). Diante da crise ecológica, Belmonte entende que a mídia precisa assumir a responsabilidade de educar e transformar, não tendo um tom apenas informativo, mas engajando-se em um modelo de vida sustentável dos pontos de vista ecológico e social. Nesse sentido os meios de comunicação podem ser ferramentas de sensibilização ambiental, utilizando-se de campanhas públicas que informem sobre novos estilos de vida e abram espaço para ideias alternativas que cobrem soluções criativas do poder público, melhorando a qualidade de vida nas cidades etc. (BELMONTE, 2004).

As informações mediadas pelos meios de comunicação também devem ser pensadas e produzidas de forma complexa e interdisciplinar, para que expressem a interdependência entre os acontecimentos do mundo e nossas formas de agir cotidianamente, para que, assim, cumpram sua função social de disseminar informações ambientais, de modo que se transformem em atores sociais decisivos na construção de uma sensibilização ambiental, contribuindo para que os cidadãos também se tornem sujeitos atuantes nesse processo. Isso porque a questão

ambiental aparece como uma problemática social e ecológica generalizada, que impõe o surgimento de uma nova racionalidade, em que se articulam natureza, técnica e cultura (LEFF, 2006).

Essa percepção precisa se disseminar entre os produtores midiáticos. Para Trigueiro (2003), não é mais possível explicar o mundo sem considerar os impactos crescentes dos meios de comunicação, os quais são cada vez mais onipresentes, sofisticados e instantâneos. Para esse autor, o ponto fundamental da área da comunicação é não reduzir o meio ambiente à fauna e à flora, o que obriga seus profissionais a perceberem a realidade de uma forma inteiramente nova e, sob alguns aspectos, revolucionária:

[...] no mundo moderno, onde o conhecimento encontra-se fragmentado, compartimentado em áreas que muitas vezes não se comunicam, a discussão ambiental resgata o sentido holístico, o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, e [induz os profissionais da área da comunicação] a uma leitura da realidade onde tudo está conectado, interligado, relacionado (TRIGUEIRO, 2003, p. 78).

Tendo a mídia um lugar tão destacado na sociedade contemporânea, é possível dizer que ela contribui para uma reorganização dos processos de aprendizagem, de conversação e mobilização, possibilitando acesso a uma diversidade de fluxos e informações de qualquer parte do mundo. Por isso, muitas vezes o familiar e o próximo misturam-se ao estranho e o distante, de modo que as fronteiras entre tais domínios tornam-se quase irreconhecíveis (MAYA, 2006). Essa forma contemporânea de ver e saber sobre o mundo é, segundo Rubim, uma tensa e complexa conjugação de:

1. espaços geográficos e eletrônicos; 2. convivências (vivências em presença) e televisivências (vivências à distância); 3. tempo real e espaço planetário; 4. local e global, enlace, nesse caso, tão bem apreendido e sintetizado na expressão glocalidade; 5. realidade contígua e telerrealidade (RUBIM, 2001, p. 119).

Se os meios de comunicação têm potencial tão grande, e se na contemporaneidade são eles decisivos para os processos de conhecimento do mundo, porque não os olhar como peça chave no processo de sensibilização socioambiental e na construção de novas práticas cidadãs? Se a mídia é uma matriz espaço-temporal, como propõe Thompsom (1998), que permite aos indivíduos conhecerem outros lugares, ela pode permitir que os indivíduos tomem cada vez mais consciência da condição ambiental do planeta do qual fazem parte e contribuem na criação de soluções para os problemas.

Para Soffiati (2005), atualmente, os problemas ambientais são vistos como parte de uma crise planetária de caráter singular porque não existiu, em toda história do planeta, uma crise global, causada por uma só espécie: o homem. Além de global, ela é conjuntural, pois os fenômenos ambientais são um conjunto de manifestações ou acontecimentos percebidos em todo planeta, constituindo uma conjuntura de crise na estrutura ambiental do planeta, segundo o autor.

Sendo assim, a interação dos indivíduos com os meios de comunicação, estendida às conversas e práticas cotidianas, formando uma rede complexa de

relações, pode contribuir para que esses indivíduos percebam seu papel fundamental na formulação de uma nova mentalidade em relação ao meio ambiente. Tendo a problemática ambiental um caráter planetário, os meios de comunicação permitem que as pessoas conheçam essa realidade em outras partes do mundo, para poder discuti-las em comparação e relação às suas próprias realidades.

E é no âmbito dessa conjugação complexa que surgem os movimentos locais em torno das práticas socioambientais, gerando a possibilidade de novos exercícios de cidadania, por meio da discussão e da ação coletiva dos indivíduos, podendo contribuir para que os indivíduos assumam atitudes responsáveis em relação ao ambiente em que vivem. Ou seja, é preciso estar informado para que haja sensibilização. A partir daí se tem condições de assumir uma postura ativa em relação à busca de soluções para os problemas ambientais.

A construção e o exercício da cidadania estão ancorados no sentimento de pertença e de identidade do indivíduo com uma coletividade, em que se busca uma nova forma de encarar a relação do homem com os outros e com o meio ambiente. Portanto, o fortalecimento da cidadania ambiental concretiza-se pela possibilidade de o indivíduo participar, entender-se portador de direitos e deveres e também se transformar em sujeito corresponsável na defesa da vida com qualidade. Assim, as atividades relacionadas à preservação do meio ambiente tornam viável o aprendizado de valores ligados à solidariedade, à igualdade e ao respeito às diferenças, por meio de ações democráticas, fundamentadas em práticas dialógicas (JACOBI, 1998).

Apoiando-se nessas perspectivas, invoca-se a necessidade da produção de saberes e informações voltadas à transformação das práticas coletivas e da reflexão dos cidadãos sobre as questões ambientais. De que forma isso é possível? Acredita-se que a criação de ações de sensibilização em relação ao meio ambiente, visando à sustentabilidade do planeta, só é possível se a dimensão dialógica entre os diferentes saberes for privilegiada, ou seja, se forem considerados os conhecimentos da diversidade de aspectos e dimensões que cada problemática envolve, permitindo que as interações gerem a interligação dos conhecimentos. Essas percepções demonstram a importância da atuação em conjunto dos vários campos de saber em prol da construção da cidadania ambiental, com uma população ativa e preocupada com o seu papel. Nesse sentido, cabe aos produtores midiáticos ampliarem suas fontes para que a diversidade dos atores envolvidos nas questões socioambientais se pronuncie no espaço midiático. É preciso democratizar o espaço midiático.

Em síntese, defende-se que as práticas comunicacionais voltadas para a sensibilização socioambiental e para novos exercícios de cidadania têm como um dos grandes desafios a ampliação do conhecimento dos indivíduos em relação aos problemas socioambientais, de forma a potencializar a participação social na busca por soluções. A atuação dos meios de comunicação é um fator que pode permitir que os indivíduos ampliem seus conhecimentos, que, e bem informados, e cientes da situação em que vivem, poderão refletir sobre seu papel no cenário contemporâneo, de modo que podem assumir uma postura ativa na sociedade.

Na sociedade contemporânea a consciência dos indivíduos em relação ao cenário ambiental está longe de ser a ideal, até mesmo pelo desempenho dos meios de comunicação em relação às questões ambientais, ainda muitas vezes tratadas de forma superficial, tanto em meios de atuação nacional como regional. A latente gravidade dos problemas ambientais exige discussões que levem em conta as especificidades de cada ambiente, para que depois sejam difundidas em caráter global, num processo inverso ao de conhecimento e reconhecimento dos problemas num caráter global, já que a problemática local estaria, assim, bem identificada, os desafios seriam conhecidos, e, desta forma, haveria possibilidades para movimentações dos diversos campos sociais em busca de soluções (SACHS, 2000).

Jacobi (2006, p. 116-117) salienta a “[...] necessidade da multiplicação de práticas sociais pautadas pela ampliação do direito à informação e de educação ambiental numa perspectiva integradora”, que potencialize as iniciativas que pressupõem transparência na gestão dos problemas ambientais urbanos. Nesse sentido, as práticas comunicacionais voltadas à sensibilização socioambiental estimulariam espaços de democracia participativa, com a garantia do acesso à informação e canais de comunicação aos cidadãos.

Nesse cenário de construção da cidadania é preciso tanto fortalecer laços coletivos quanto atitudes de mudança individuais, que são a base para a construção da cidadania ambiental. Essas mudanças começam dentro de casa, com a separação do lixo, a economia de água e energia, a diminuição do consumo e do desperdício etc. É necessário que cada um perceba a inter-relação entre atitudes individuais e problemas coletivos.

Quando a questão ambiental é problematizada dentro de um paradigma complexo (MORIN, 2006), e de um pensamento sistêmico (CAPRA, 1998), percebem-se as ações em sua repercussão coletiva, em rede: sempre que se age, se age no outro (interagindo) e se afeta e se é afetado pelas atitudes desse outro. Atuamos dentro de um sistema: o planeta Terra. Cada atitude que tenha o intuito de preservar o meio ambiente repercute local e globalmente. Portanto, nenhuma dessas ações pode ser pensada fora da ideia de coletividade. Ações ambientais são de natureza solidária. E é justamente dentro desta ideia de complexidade e pensamento sistêmico que o papel dos meios de comunicação deve ser pensado, já que também é de sua natureza gerar a discussão pública dos acontecimentos. Os meios de comunicação entrelaçam todos os outros campos, que buscam visibilizar suas ações por meio deles, e se constituem, assim, o fio principal que liga todos os outros numa urdidura que forma o tecido da discussão socioambiental.

Quando se está em um tempo em que se discute como a mídia contribui para o individualismo, é preciso também refletir sobre seu potencial de fortalecer os laços sociais, de contribuir para as discussões de interesse público e coletivo, como é o caso da problemática socioambiental, que deve ser pensada no âmbito das interações cotidianas e não fora delas. Dada a centralidade que assumem os meios de comunicação na sociedade contemporânea, é importante também compreender como produzem sentido as informações ambientais recebidas pelos públicos

através dos meios de comunicação. É preciso compreender como os indivíduos interpretam as informações e como estas estão gerando mudanças de percepção e de comportamento em relação ao meio ambiente. Nesse sentido, Rodrigues afirma:

Os dispositivos mediáticos da informação ocupam assim hoje um lugar central, não só na delimitação e no desempenho da nossa experiência individual e colectiva, mas também na encenação das visões do mundo e das razões que pretendem fundamentar legitimamente o discurso e a acção. Não há, por isso, actualmente domínio da experiência em que, directa ou indirectamente, não se faça sentir a sua força [...] os dispositivos de informação moldam os valores culturais do nosso tempo, não só às suas próprias regras de funcionamento, mas sobretudo às suas estratégias de legitimação, constituindo um meio cada vez mais autónomo em relação aos procedimentos comunicacionais espontâneos e imediatos das comunidades tradicionais [...] os novos media constituem uma espécie de mundo reticular com regras próprias que, ao sobrepor-se ao mundo da nossa experiência imediata, tanto podem permitir a libertação dos indivíduos em relação às coacções inerentes ao controlo das comunidades de enraizamento e de pertença, como podem limitar-se a dissuadir e a neutralizar as solidariedades concretas que, até à nossa época, costumavam fundamentar o funcionamento da vida colectiva (RODRIGUES, 1994, p. 34).

Em relação à permeabilidade que os assuntos pautados pelos mídias assumem na vida cotidiana da sociedade, Sodré (2002) afirma que, quando as tecnologias da informação passam a criar novas formas de percepção da realidade, mediadas por mecanismos midiáticos, os processos de comunicação são geradores da tecnocultura – do bios midiático –, em que saber e sentir passam a ser mediados pelas tecnologias de informação. Essa tecnointeração significa que as relações humanas passam a ser também mediadas pelo mercado. Ou seja, a eticidade material dos mídias passa a orientar o ethos social, seu jeito de ser, de fazer. Assim, o ethos social é também fruto de um processo de midiatização (SODRÉ, 2002). Daí decorre o papel contraditório dos meios de comunicação: tanto podem favorecer práticas de sustentabilidade ambiental voltadas para a cidadania como podem favorecer as lógicas capitalistas e seus desperdícios de recursos naturais insustentáveis.

A tecnointeração ou bios midiático de que fala Sodré determina mudanças culturais, que são, ao mesmo tempo, geradoras de um novo sentido para a realização e para a ação humana, como para a forma de organização das situações cotidianas. Ou seja, intervém na consciência de um grupo social sobre o sentido da existência, o que no contexto contemporâneo tem fortes implicações dos problemas ambientais.

De qualquer forma, a lógica comunicacional é sempre fundada pelo dispositivo de sociabilidade, um processo de troca simbólica generalizada, um dos princípios fundamentais do vínculo social, fonte de todo valor, que permite ao sujeito conceber a sua subjetividade. Os meios de informação, atualmente, contribuem para a construção da subjetividade ao criar novos hábitos, ao definir novos horizontes da nossa experiência, alargando a esfera da percepção e de intervenção no mundo.

Preciso é, no entanto, ter em mente que, no mundo globalizado, que se caracteriza pela transnacionalização da informação, nem todos partilham a mesma

visão de mundo e representação da realidade, pois a cultura de cada um delimita o espaço de compreensão dos acontecimentos e das mensagens. Apesar da percepção da realidade ter se tornado um produto tecnicamente elaborado pelas mídias, cada um continua a interpretar conforme o quadro de experiência espontânea da sua própria cultura.

O destinatário, portanto, é também criador da mensagem que recebe, a qual tem seu sentido atrelado ao uso social que lhe é dado e às situações de seu uso. E é a interação das diferentes mensagens recebidas e seu entrelaçamento complexo que definem os usos dados às mensagens sobre as problemáticas ambientais pelos atores sociais, seu nível de informação e potencialidade de ação e prática cidadã.

Os receptores das informações midiáticas vivem uma diversidade de mundos, nem sempre coincidentes, e, quando em interação face a face no seu convívio social, fazem transposições entre dimensões diferentes da realidade. Por isso, a interação compreende um trabalho de construção da realidade, exigindo que os interlocutores façam acertos sobre sentidos, pactos, contratos que vão definindo a pertinência dos sentidos. Aí está o espaço de luta simbólica de que trata Bourdieu (1974, 1989), e também o momento intersticial entre as gramáticas de produção e de reconhecimento tratado por Verón (1980, 1997, 1996). Todas essas nuances que atravessam as interações sociais precisam ser levadas em conta em processos de comunicação ambiental.

Durante um processo comunicacional os indivíduos tendem a se modificarem. Isso porque conferir sentidos ao desenrolar das ações e dos discursos é uma forma de definir a identidade dos papéis que cada um representa na sociedade. É na relação que estabelecem entre si, na geração e aceitação das regras do processo comunicacional, no decurso da relação ou no espaço-tempo da relação que estabelece os sentidos, em que estes são pactuados, que se dá a comunicação enquanto experiência cultural. E é a partir dessas mudanças possíveis por meio das trocas comunicacionais que é possível sensibilizar para práticas cidadãs.

#### **4 Considerações finais**

Os processos de comunicação permeados de sentidos que trabalhem sobre a relação entre a sociedade e a natureza referem-se à possibilidade de novos pactos de sentidos sobre o papel de cada um em relação ao meio ambiente em que vivem e convivem. A informação ambiental tem que se transformar em um processo de comunicação, de pacto, para gerar a sensibilização dos atores envolvidos para atitudes sustentáveis. É preciso que a informação faça sentido para o receptor para que o processo de sensibilização inicie. Esta é a primeira condição para a educomunicação ambiental. E sem essa etapa não se pode chegar à ação, que caracteriza as práticas de cidadania ambiental.

Para começar a pensar o planeta e suas inter-relações socioambientais de forma inovadora, criativa, respeitadora, que permita novas práticas cidadãs é preciso preocupar-se com a vida como um todo, na relação com os outros e com o mundo. A vida deve ser vista como um sistema complexo e integrado, passando de uma visão mecanicista para uma visão ecológica, uma concepção sistêmica do mundo.

Para isso é preciso que educadores e comunicadores estejam atentos aos elementos que interferem nos processos comunicacionais voltados para a sensibilização socioambiental que tenha como fim a construção de novas práticas sociais.

## **Referências**

- BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). **Formação & Informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. A economia dos bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. **Razões práticas**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1998.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo, Cultrix, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Repensando nosso olhar sobre as relações entre sociedade e natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental e Cidadania**. Professor Associado da Faculdade de Educação da USP e do Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da USP. Artigo escrito para o I Congresso Estadual de Comitês de Bacias Hidrográficas (SP), 1998.
- \_\_\_\_\_. Dilemas socioambientais na gestão metropolitana: do risco à busca de sustentabilidade urbana. **Política & Trabalho**, Revista de Ciências Sociais. n. 25, out. 2006.
- LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MAYA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (Orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- RODRIGUES, A. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.
- RUBIM, Antonio A. Canelas. O Lugar da Política na Sociabilidade Contemporânea. In: PRADO, José Luiz Adair; SOVIK, Liv (Orgs.). **Lugar Global e Lugar Nenhum: Ensaios Sobre Democracia e Globalização**. Ed. Hacker, 2001.
- SACHS, Ignacy. **Sociedade, Cultura e Meio Ambiente**. Mundo & Vida. vol. 2, n. 1, 2000.
- SODRÉ, Muniz. Comunicação, um novo sistema do pensamento. In: FAUSTO NETO, A et al. **Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas**. João Pessoa: E. Universitária, 2001.
- SODRÉ, M. O *ethos* midiaticizado. In: \_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOFFIATI, Arthur. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: BAETA, Anna Maria B. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- TRIGUEIRO, André. Meio Ambiente na Idade Mídia. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- \_\_\_\_\_. **La Mediatización**. Buenos Aires: Ed. UBA, 1997.
- \_\_\_\_\_. **La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- \_\_\_\_\_. Esquema para el análisis de la mediatización. **Dialogos de la Comunicacion**. Lima, n. 48, 1997.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. Alguns axiomas conjunturais de comunicação. In: WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana: estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1973.